

O CRUZAMENTO ENTRE O FICCIONAL E A HISTORIOGRAFIA EM Nambuanguo, de João Bernardo de Miranda

THE INTERSECTION BETWEEN FICTION AND HISTORIOGRAPHY IN Nambuanguo, BY JOÃO BERNARDO DE MIRANDA

Recebido: 18/02/2022

Aprovado: 30/06/2022

Publicado: 28/07/2022

DOI: 10.18817/rlj.v6i1.2735

José Bembo Manuel¹

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-6297-2356>

Resumo: O presente artigo intitula-se O Cruzamento entre o Ficcional e a Historiografia em Nambuanguo, de João Bernardo de Miranda e limitar-se-á no estudo da literatura e experiência histórica na narrativa de ficção angolana, através do percurso histórico das personagens da obra Nambuanguo, de João Bernardo de Miranda. Portanto, a investigação desenvolver-se-á mediante a análise bibliográfica e registo dos traços que caracterizam as relações entre os fatos históricos e o seu impacto nos destinos do país – Angola - na concepção da narrativa em estudo através das perspectivas sociais e políticas. No artigo, nossas metas são demonstrar como a tessitura literária ficciona a História de Angola, mais concretamente as guerras de luta anti-colonial e o impacto do 27 de Maio nos destinos do país, distinguir as temáticas em destaque na narrativa em estudo e os objetivos da criação literária durante a primeira década posterior à independência de Angola, com maior incidência para a de João Bernardo de Miranda. O estudo conduziu-nos à demonstração de que, na narrativa em questão, ocorre o cruzamento entre o ficcional e a Historiografia, ou seja, ficcionalizam-se acontecimentos da História real de Angola, desde o início da década de 60 até 1978. Analisamos como a recriação do sociopolítico e histórico angolano em Nambuanguo marca uma versão histórica há muito contada e repudia as decisões políticas que ditaram os destinos de Angola no pós-independência.

Palavras-chave: Historiografia; Literatura; Nambuanguo; Angola; João Bernardo de Miranda

Abstract: This article is entitled The Crossroads between the Fictional and the Historiography in Nambuanguo, by João Bernardo de Miranda and will be limited to the study of literature and historical experience in Angolan fiction narrative, through the historical path of the characters in the work Nambuanguo, by João Bernardo de Miranda. Therefore, the research will be developed through bibliographic analysis and registration of the traces that characterize the relations between historical facts and their impact on the destinies of the country - Angola - in the conception of the narrative under study through social and political perspectives. In the article, our goals are to demonstrate how the literary weaving fictionalizes the History of Angola, more specifically the wars of anti-colonial struggle and the impact of the 27th of May on the country's destinies, to distinguish the prominent themes in the narrative under study and the objectives of literary creation during the first decade after the independence of Angola, with greater incidence on that of João Bernardo de Miranda. The study led us to the demonstration that, in the narrative under study, the crossing between the fictional and the historiographic occurs, that is, events from the real history of Angola are fictionalized, from the beginning of the 1960s until 1978. We analyze how the recreation of the Angolan socio-political and historical in Nambuanguo marks a long-told historical version and repudiates the political decisions that dictated Angola's post-independence destinies

Keywords: Historiography; Literature; Nambuanguo; Angola; João Bernardo de Miranda

¹ É docente do Departamento de Ensino, Investigação e Extensão em Letras Modernas, da Escola Superior Pedagógica do Bengo; É mestrando em Literaturas em Língua Portuguesa pela Faculdade de Humanidades da Universidade Agostinho Neto; Graduado em Ensino da Língua Portuguesa pela Escola Superior Pedagógica do Bengo; Revisor Linguístico da ESP-Bengo Editora e da Revista Angolana de Extensão Universitária (ISSN 2707-5400); Colunista do Jornal Cultural ROL. E-mail: Jose.manuel@espb.ed.ao

Introdução

A narrativa ficcional, de João Bernardo de Miranda, é marcada pelo frequente e lúcido olhar sobre a história de Angola. Em *Nambuangongo*, verifica-se claramente uma construção intelectual cuja tessitura privilegia a ficção de representação fatural ou a ficção a partir da História. Na verdade, trata-se de uma das tendências da literatura angolana produzida nas décadas seguintes após à independência.

O tempo histórico em *Nambuangongo*, de João Bernardo de Miranda, demarca-se no crono que vai entre 1961 e 1979, passando por acontecimentos que marcaram o rumo dos angolanos e de Angola. Por isso, focados na área de Literatura e experiência histórica, dedicamo-nos a identificar os fatos históricos descritos na narrativa, marcada pelo percurso de vida de Samuel, Massanga e seus companheiros de vida e combates, sem discurar da forma como João Bernardo de Miranda, enquanto autor empírico, apropria-se da historiografia para engendrar a sua narrativa.

A obra objeto de análise, por descrever parte da história da luta anti-colonial, protagonizada na I Região Político-militar do MPLA e o destino dado aos camaradas no extermínio ocorrido no triste 27 de Maio de 1977 como uma construção ficcional, deve ser considerada um texto calcado na extração histórica, apresentando, tal como Pepetela, Wanhenga Xitu, José Eduardo Agualusa, Manuel Rui, Luandino Vieira e António Quino, Jofre Rocha, Angola como um espaço pertencente a todos os seus filhos, capazes de refletir sobre os prós e contras do incumprimento do tão desejado Projeto de Nação, através do qual muitas vidas foram sacrificadas.

Trata-se de uma narrativa apresentada em duas partes. A primeira narra acontecimentos vividos durante a guerra anti-colonial nos Ndembo-Nambuangongo de 1961 a 1974. O enredo gira em torno de Massanga e Samuel, que representam, no plano ficcional, duas faces dos povos – a primeira personifica as tradições da ancestralidade e a segunda, a influência do assimilacionismo aderido por alguns angolanos no plano real. Entretanto, ambos demonstram igual amor à Terra-mãe que os viu nascer. A segunda parte da narrativa descreve o período de insegurança, verificada nas pessoas e instituições depois do alcance da independência e as mudanças de paradigmas, que culminaram com os acontecimentos do 27 de maio de 1979.

Em que base histórica está calcada a obra *Nambuangongo*?

O percurso de consagração do texto literário angolano entre os ensaístas do século XIX está fortemente ligado ao movimento nacionalista, que se identifica com os sonhos do povo. Mas para Caley (2011, pp.26-27), a gênese da literatura angolana deverá ser encontrada na oralidade, que traduz todo um conjunto do sentir e pulsar do povo angolano em todos os momentos da vida.

Nessa direção, Boaventura Cardoso, em entrevista concedida à Chaves e Macedo (2005, p.27), atesta que o que predomina a atual literatura angolana é a fusão entre o histórico e o literário. Os dados apresentados em *Nambuangongo* demonstram e comprovam a afirmação apresentada, pois não passam de revisitações e reinvenções da memória histórica. Aliás, o autor, na nota introdutória da narrativa em estudo, afirma que

neste livro, o leitor vai saber ou se recordar de algumas das façanhas vividas durante a guerra anti-colonial nos Ndembo-Nambuangongo e [...] sobre alguns fatos sociais de maior relevância vividos em Luanda durante a época de efervescência revolucionária... e suas repercussões nos primeiros vinte meses de implementação do Programa maior do MPLA (MIRANDA, 1998)

O referencial histórico é objeto de um mais ou menos elaborado tratamento ficcional ao ponto de o rever, questionar, compreender o presente ou mesmo relançar o futuro. Aliás, ficcionar a história implica sempre a sua revisão crítica. Deste modo, João Bernardo de Miranda apresenta em *Nambuangongo* a sua visão sobre a guerra anti-colonial naquela região, que hoje pertence à província do Bengo² – uma das 18 províncias, que constituem Angola - e os primeiros dois anos após a independência para servir de base histórica para relembrar e trazer à tona o desconhecido pelos leitores.

De acordo com Fortuna (2013, p.91), o escritor é um biógrafo do seu tempo, mesmo quando fala de memórias ou ficciona previsões futuras. Assim, a literatura destaca-se também na formação de um cidadão consciente, informado e com um papel ativo na sociedade. João Bernardo de Miranda, a nosso ver, desperta, nos leitores, uma visão que passa pela compreensão do passado histórico a fim de entender o presente e relançar o futuro, evitando a repetição dos erros do passado.

² A província foi criada apenas em Abril de 1980, ao abrigo da Lei n.º3/80, de 26 de Abril. Antes a parcela de terra, descrita na narrativa era pertença da Província de Luanda.

Entretanto, Fonseca (2011:22) afirma que o homem é um ser social e, culturalmente, é o resultado do meio físico e humano em que vive, de que participa ou de que é parte. Na narrativa em estudo, os grandes exemplos vão para Massanga e Samuel, que, antes de cruzarem com a morte, resistem às várias peripécias sociais e culturais.

Massanga, gerada através do estupro do seu patrão branco, é perseguida por descender daquele, todavia, invocando as divindades, recebe a proteção, com recurso a um ritual tradicional devidamente preparado e transmitido pelo seu avô Velho Kunga, conforme se pode confirmar no fragmento:

“Tu já não vais morrer. Ninguém vai matar-te. Tu descendes de Kisambu-kia-Panzo... Do solo destas terras ninguém é capaz de ceifar-te a vida senão por vontade de Ngana Nzambi e dos nossos antepassados [...] Velho Kunga ajoelgou-se, com as mãos estendidas diante da gruta ao lado onde se encontravam. Começou a suplicar a todos os santos, a todas as sereias das montanhas e dos rios, a todas as almas dos antepassados da família para protegerem a vida da sua neta” (MIRANDA, 1998, p.106).

Inocência Mata (2010, p.46), referindo-se às obras *O Signo do Fogo*, de Boaventura Cardoso e *A Geração da Utopia*, de Pepetela, afirma que:

o exercício de rememoração, nos dois romances, resultava na região e redimensionamento dessas experiências (submersas sob o peso da possibilidade de harmonia social) para as projetar no presente, ora como gesto de catarse, ora como gesto de enfrentamento do discurso oficial, ou até de confronto com a História oficial.

A partir do exposto acima confirma-se a reorientação na ficção angolana, recorrendo à Historiografia, porém, correlacionando-o ao momento atual. Os acontecimentos narrados em *Nambuangongo* assentam perfeitamente na afirmação de Mata na medida que, mais do que relembrar ou dar a conhecer uma realidade, confronta-a, deixando laivos de erros cometidos, que, no nosso entender, concorreram para o ineficiente destino de Angola e dos angolanos, diferente do propalado antes e durante a luta anti-colonial, isto é, ao preterir o Programa Maior, fica clara a opção pelas desigualdades sociais, a débil inclusão dos governados nas decisões tomadas e o enriquecimento ilícito de um grupo restrito de pessoas, muitas delas, ligadas ao poder e outros males que acometem o país.

Não podemos iludir nem ignorar os problemas. Não podemos abandonar as suas soluções às contingências do acaso. Imbuídos deste espírito, o autor traz-nos, pelo viés literário, uma realidade distanciada do agrupamento idealizado no e pelo discurso literário nacionalista e que preenche o imaginário da história da guerra anti-colonial – uma Angola de e para todos os angolanos.

Segundo Genette (1986, p.81), a narrativa é um modo de representação orientado para condição histórica do homem, para o seu devir e para a realidade em que se processa, uma vez que é, pelo seu modo de existência, uma arte temporal, em que a dinâmica temporal (temporalidade diegética) é marcada por significados históricos e cósmicos. *Nambuangongo* é exemplo disso. Parte da guerra anti-colonial até às decepções e angústias vividas durante os primórdios da implementação do Programa Maior do MPLA, movimento que proclamou a independência:

No seio das chamadas massas populares – hoje sociedade civil, de acordo com o novo dicionário político, - surgiram muitos sururus e ásperas críticas contra a direcção do Partido. O núcleo da direcção central do MPLA era acusado, sobretudo pelos radicais de esquerda, de ter uma atitude dúbia quanto ao seu efectivo alinhamento à ideologia marxista-leninista, e, em consequência, permitiu aquilo a que se chamou açambarcamento do poder político estadual... (MIRANDA, 1998, p.196)

O açambarcamento do poder estadual, denunciado em *Nambuangongo*, abriu as portas para outros males e infortúnios, que pouco beneficiaram a maioria dos angolanos, extinguindo uma parte e hipnotizando outra, que assiste inerte enquanto, nos dizeres de Martinho (2021, p.42) “espera” pela cura, que só acontecerá se as beneces de Angola forem sentidas por todos os seus filhos, tendo consequências diretas na melhoria de suas qualidades de vida:

Por infortúnio da vida, alguns desses heróis sem título legal, que de uma maneira ou de outra sobreviveram ao desastre histórico de 27 de Maio de 1977, submeteram-se gratuitamente ao poder do álcool. Outros acabaram por se suicidar. Outros vão vivendo como Deus quer... (MIRANDA, 1998, p.198).

A condição histórica inicial de que Genette se refere é, no caso da narrativa *Nambuangongo*, a luta anti-colonial “*por força deste relato e de outras tantas versões sobre a insurreição de 15 de Março, os comerciantes abandonaram o Kandá. A guerra era um fato. E foi assim que efetivamente ela começou.*” (Miranda, 1998, p.71), que levou ao alcance da independência “*dezoito meses depois do vinte e cinco de Abril (final, em toda a extensão dos Ndembo-Nambuangongo, da guerra anti-colonial).*... Os

principais combatentes de guerrilha e toda a direção do MPLA estavam já instalados na capital do país.” (Miranda, 1998, 193), a quem o narrador opõe as peripécias vividas durante os dois anos após 1975.

Assim, aclara-se que, em Angola, tal como em várias sociedades, a dimensão literária transcende a ficção. A construção da nação (literária) angolana, cuja tessitura prefere a ficção de representação fatural, ou a ficção a partir da História, constitui uma das tendências da literatura angolana, visto ser a literatura um dos meios através do qual se criticam as decisões tomadas no passado e exigem que se reflita sobre as decisões tomadas hoje, considerando o alcance e repercussão no futuro.

Tanto em *Nambuanguo* quanto em *Ebo*, João Bernardo de Miranda parte do princípio de que o conhecimento do passado é condição *sine qua non* para a construção do futuro e a reflexão sobre o presente. Um dos exemplos dessa realidade, na narrativa em estudo, é a compreensão das diferenças raciais e étnicas como se pode conferir em “...*doravante jamais se molestem os mestiços nem os assimilados. Os mestiços são nossos sobrinhos, são nossos filhos, os assimilados são nossos irmãos*” (MIRANDA, 1998, p.123).

A compreensão sobre as diferenças raciais e étnicas têm implicações diretas na unidade de esforços para um objetivo comum - o alcance da vitória sobre o poder colonial e, por outro lado, o final da agonia de várias famílias, obrigadas a esconderem-se ou a despedir-se de seus entes.

Nambuanguo e a historiografia

A literatura é um dos campos culturais mais significativos, pois, através da textualização, documenta o espaço e o tempo históricos. Impedidos estamos de limitar a literatura neste nível já que o texto literário será sempre percebido na sua visão simbólica. A sua leitura deve sempre ser feita considerando os contextos cultural e histórico amplos.

A década de 1960 é um marco importante para as independências dos países africanos e os ecos da libertação do jugo colonial no Congo impulsionaram o início da guerra anti-colonial em Angola, sobretudo nos Ndembo-Nambuanguo, território que veio a albergar a 1.^a Região Político-militar do MPLA, agrupamento mais importante, tendo em conta a sua influência nas demais Regiões Político-militares então espalhadas por Angola, conforme se atesta no fragmento:

Quer o governo central de Lisboa, quer as autoridades da colônia acreditaram cegamente que a reconquista de Nambuanguo marcaria o fim da insurreição no mais importante território do ultramar português. Mais do que isso a recuperação da [vila] de Nambuanguo constituir-se-ia numa séria advertência para eventuais novas aventuras emancipalistas não só em Angola como nas outras colônias de Portugal em África. (MIRANDA, 1998, p.140, **nosso grifo**).

Como se pode depreender do acima exposto, após a insurreição e assalto às cadeias de Luanda, o exército colonial sentiu a sua hegemonia ameaçada, sentindo-se forçado a alterar a estratégia de atuação naquela região da então colônia portuguesa. A ocupação de Nambuanguo viria a ser consumada depois de ações combativas, desenvolvidas em três direções diferentes, incorporadas por tropas recém-chegadas de Portugal e com numerosos meios bélicos “*a operação de reconquista de Nambuanguo foi lançada em três direções convergentes, envolvendo três colunas do exército: dois batalhões de caçadores e um esquadrão de cavalaria*” (Miranda, 1998, p.140).

A operação do exército colonial encontrou, sobre a ponte do rio Lifune, os combatentes nacionalistas, que, de lados opostos, protagonizaram, no dia 15 de Julho de 1961, a maior e melhor organizada batalha por ocasião da retomada de Nambuanguo (**vila**) pelo poder colonial. Contudo, a batalha terminou com um terrível saldo para os nacionalistas:

Perto de centena e meia de guerrilheiros mortos e tantos outros desaparecidos, sem contar com inúmeras dezenas de feridos.... o exército colonial, que estava muito bem armado, não se fez rogado perante o mar de guerrilheiros apenas munidos de catanas que se entregavam voluntariamente à morte. [...] foi uma horrorosa luta desigual indescritível! (MIRANDA, 1998, p.143).

Apesar da derrota, os nacionalistas conseguiram atrasar a chegada à Nambuanguo em qualquer uma das direções utilizadas pelos militantes do exército colonial, que encontraram, um mês depois do início da operação, a vila completamente vazia de homens e bens materiais, conduzidos para as matas.

A partir das matas da densa flora, que circunda a região dos Ndembo-Nambuanguo, os guerrilheiros nacionalistas desenvolveram as ações militares com vista a recuperação do território dos seus ancestrais até 25 de Abril de 1974, curiosamente, dia também marcado pela queda do regime liderado por Marcelo Caetano “*em toda a extensão do território da 1.ª Região político-militar do MPLA, a guerra anti-colonial tinha efectivamente terminado com o 25 de Abril de 1974*”

(Miranda, 1998, p.190). Contudo, a narrativa perpassa também divergências entre o MPLA e a FNLA (UPA) no Congo e o rótulo dos assimilados como se pode ler em:

Aderiu em massa ao MPLA, que acusado de comunista, acabou entretanto por ser expulso do ex-Kongo Belga para o ex-Kongo francês. A entrada em bloco para o MPLA dos jovens idos da região dos Ndembo-Nambuanguo marcou de forma mais nítida a fronteira ideológico-tribal entre a UPA e o MPLA no interior de Angola. A UPA passou a rotular todo quanto falasse kimbundu de assimilado ou mestiço cultural à imagem e semelhança de Agostinho Neto (MIRANDA, 1998, pp.148-149).

Por fim, o narrador denuncia o fato de, alcançada a independência, muitos combatentes e sobreviventes da luta anticolonial terem sido marginalizados, outros perseguidos e mortos durante os trágicos 27 de maio de 1977:

Samuel Pedro Manuel e o comissário político Francisco Goodman estavam, tal como muitos outros companheiros de guerrilha, bem colocados na hierarquia do núcleo central da direcção do Partido e com altas funções no aparelho administrativo do Estado [...] Todos eles gozavam de prestígio e reputação políticos. Tinham vida de lordes. Mas desconheciam o mágico poder do dinheiro. Eram homens nobres à medida da causa pela qual tinham heroicamente lutado durante vários anos nas matas. (MIRANDA, 1998, p.198)

A morte, numa fase crucial da implementação do programa maior do MPLA, que acabava de assumir o poder do novo Estado, de nacionalistas comprometidos com a causa do povo angolano inaugura, a nosso ver, os sucessivos insucessos que se verificaram e se constatam no país, ou seja, desde a fundação do país, que os dirigentes decidem manter o distanciamento entre o discurso político e a prática. Situação que desincentiva uns, frustra outros, enquanto uma minoria anistia-se para não se deixar corroer.

Implicações sociais e políticas

Não há dúvidas sobre a preponderância do poder colonial sobre Angola e os angolanos nas esferas económica, social, cultural, etc.. Em *Nambuanguo*, por exemplo, as implicações sociais e políticas descritas resultam da intensificação do processo de luta anti-colonial:

Apesar de ser parte do território do então Distrito de Luanda, Nambuanguo foi a mais difícil e sinuosa área de penetração colonial do território dos Ngolas, devido à tenaz resistência oferecida pela população local. Os colonos portugueses transformaram a região num paraíso da madeira e de café. (MIRANDA, 1998, p.139)

Fruto das fortes resistências oferecidas na região, o Estado Português não se interessou em apostar nas estruturas sociais. A ação teve implicações na educação, obrigando os interessados a saírem da região para estudarem noutras localidades. A resistência afastou também os missionários católicos. Contudo, hoje, o povo da região de Nambuangongo é essencialmente metodista por ser a primeira a aflorar aquela região.

Ademais, a independência não resolveu o problema do acesso aos bens de primeira necessidade. Por isso, os populares continuaram a comprar em Luanda o essencial “... *eu preciso muito de dinheiro para poder comprar qualquer coisa para levar lá no mato. Um pouco de peixe. Um bocado de feijão e um pouco de sal...*” (Miranda, 1998, p.201)

A fala do soldado Kidi reforça tal denúncia ao afirmar que “... *ninguém vê, ninguém se interessa pelo povo que está lá no mato (no interior) a precisar de sal, de peixe, de feijão... Até sal não tem. Sal, não outra coisa. Sal!... O povo continua a comer sem sal como durante a guerra (anti-colonial).*” (Miranda, 1998, p.203, **nossos grifos**).

No entanto, o acesso a determinados privilégios era condicionado à apresentação do Bilhete de Identidade. Um fato que, em nosso entender, denuncia a gênese do elitismo já que se viviam os primeiros dois anos após a independência, considerando que, no período colonial, a obtenção do Bilhete de Identidade era restringido apenas a um pequeno grupo social

... o bilhete de identidade só era dado a luso-descendentes e a pretos já lusitanizados ou assimilados. Isto é, àqueles patrícios tidos como tendo já renunciado aos costumes africanos, que falassem e escrevessem corretamente o português. (MIRANDA, 1998, p.201).

Tal como no tempo colonial, a ausência de massificação dos registos dos cidadãos após a independência, associada à implementação de medidas menos acertadas, contribuíram para que apenas uma pequena elite tivesse acesso aos ganhos oferecidos pelo país.

Considerações finais

O produto literário, regra geral, serve-se do real para a sua existência e evolução numa mescla com os saberes trazidos e deixados pelos povos ao longo dos

séculos, afirmando-se como um elemento de construção de identidades e reflexão das ações sociais. Pelo que se pode constatar que, em *Nambuangongo*, há matéria de extração historiográfica. Confrontando os resultados e tendo em conta os objetivos a que nos propusemos no início desta reflexão, constatamos que ler *Nambuangongo*, de João Bernardo de Miranda, significa ler a historiografia angolana, mais especificamente a da Região dos Ndembo-Nambuangongo num discurso narrativo, que rememora, atualiza e critica práticas, que estiveram na base do presente ao mesmo tempo que aponta para a redifinição das estratégias governativas do país.

Referências

CALEY, Cornélio. *Teoria de Angolanidade Literária: ensaio sobre caracterização do texto literário angolano*. In: ANGOLA, Ministério da Cultura. *Sobre a Angolanidade*, Luanda, 1.ª edição, 2011, pp. 26-27.

CHAVES, Rita e MACEDO, Tânia. *Entrevista a Boaventura Cardoso*. In: _____. *Boaventura Cardoso – a escrita em processo*, São Paulo, UEA, 2005, pp. 22-27.

FONSECA, António. *Angolanidade Literária: sim ou não?* In: ANGOLA, Ministério da Cultura. *Sobre a Angolanidade*, Luanda, 1.ª Edição, p. 22, 2011.

FORTUNA, Cláudio. *Reencontro com as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa – Michel Laban*, Brasília, Kiron, 2013.

GENETTE, Gérard. *Figuras III*, São Paulo, 1986.

MARTINHO, Joaquim. *Narrativa da Espera na Ficção Angolana Contemporânea. Lavra e Oficina: Gazeta da UEA*, III Série, n. 05, 2021, pp. 42-44.

MATA, Inocência. *Ficção e História na Literatura Angolana: O Caso de Pepetela*, Chá de Caxinde, 2010.

MIRANDA, João Bernardo de. *Nambuangongo*, Lisboa, Dom Quixote, 1.ª ed., 1998.

PEPETELA. *A Herança Colonial e o Futuro*. Conferência na Universidade da Califórnia (Kerkeley, EUA em 2003). In: *Revista Angolana de Sociologia, Órgão da Sociedade de Sociologia*, nº 4, dezembro de 2009, pp.287-292.